

**A DESMISTIFICAÇÃO DO MALANDRO EM CONTOS DE
JOÃO ANTÔNIO**

*Edison Luiz LOMBARDO**

1 - INTRODUÇÃO

João Antônio escreve, sem enfeites, sobre a vida marginal. Aborda o submundo do Rio de Janeiro e de São Paulo. Revela-nos, muitas vezes, o lado do mundo que pagamos para não ver.

No conto a ser analisado, "Leão de Chácara" (1) acompanhamos de perto a vida de um leão-de-chácara. Conhecemos o submundo de uma boate da Zona Sul carioca onde a leonagem é feita por Pirraça; além de comentários sobre os inferninhos e biroschas da Praça Mauá. Vamos descobrindo que nesse mundo, assim como na sociedade burguesa, há leis, aprendizado, código de honra, altas e baixas, disputas, enfim um mundo onde - como nos lembra bem Antonio Cândido - competição e propriedade também imperam.

* Aluno do Programa de Pós-Graduação

2 - O MITO DO MALANDRO E A SOCIEDADE BURGUESA/A DESMISTIFICAÇÃO DO MALANDRO

A sociedade burguesa tem estado no poder durante muitos séculos. Por mais diversas que tenham sido as mudanças históricas, a sociedade ainda é uma sociedade burguesa. Porém, durante todos esses anos, a burguesia tem procurado apagar sua denominação. Não se encontram partidos "burgueses", "a burguesia define-se como a **classe social que não quer ser denominada**" (2, p. 158). E assim, não assumindo nominalmente seus valores, procura passá-los como valores naturais: "as normas burguesas são vividas como leis evidentes de uma ordem natural" (2, p. 161).

Aqui inicia-se a nossa colocação sobre o malandro na escritura de João Antônio, especificamente acompanhando o conto "Leão-de-Chácara". O malandro vive em conflito com as normas burguesas, embora atue junto aos burgueses. É aceito por estes quando lhes oferece entretenimento; é perseguido pela justiça burguesa quando entra em conflito com os burgueses. O malandro está à margem dessas leis que produzidas pela burguesia, não são assumidas como resultado dos valores burgueses, mas sim como valores nacionais.

Portanto é submetido às "**leis de sua nação**", que privilegia o burguês. Pela fala de Pirraça percebemos isso:

"A vida cachorra é assim. Os homens lá em cima assumam um papel e a gente aqui embaixo, na vida, vai comendo quente, agüentando ripada no lombo e cadeia. Comendo o pão que o diabo amassou com o rabo" (1, p. 12)

João Antônio nos mostra que neste mundo marginal também há leis:

"O otário mete a grana em mão de mulher porque ela o atura na cama e nas vontades. Vem o malandro, o cafiolo e apanha a nota da infeliz. Mas esse mordedor também perde a boca se não a disciplinar, orientar, aturar a mina; é um preço. Aquilo que dá grana dá canseira" (1, p. 7)

"Ele estava gostando da dona, mas se esqueceu de uma lei dos malandros: a gente vê com os olhos e lambe com a testa". (1, p. 11)

Os malandros, os cafiolos também lutam para conseguir o seu dinheiro:

"A vida não costuma fazer graça pra ninguém. É com a fêria que eu cato no fim da noite; ela chega porque me viro." (1, p. 7)

Estando sujeito a leis análogas às do capitalis
mo:

"(...) em cima de muita subida e muita piora que ho
je me arrisco a dar fé de algumas coisas que sinto". (1,
p. 7)

"E lá por dentro, uns querendo que os outros se ra
lem. O esperto muito acordado, o trouxa muito cavalo e o
beldroegas. No fundo fundo mesmo empatam: cada um corre
atrás do seu pedaço. Podendo um come o outro pela perna".
(1, p. 7)

Esse lado da malandragem a burguesia não vê.
O mito do malandro de vida fácil, desordeiro, es
conde esse mundo semelhante ao mundo burguês, su
jeito, até mesmo, às leis do capitalismo. A pró
pria personagem narrador nos aponta esse esqueci
mento da burguesia:

"Que não é de hoje que da gente da boêmia só se falam
as grandezas e a glória; os fiascos e os sofrimentos aca
bam ficando pra lá, esquecidos nas poeiras dos anos". (1,
p. 9)

Na verdade o mito contribui para essa visão,
pois sua função é evacuar o real; passar a his

tória à natureza, fazendo assim uma economia: "abole a complexidade dos atos humanos, confe-re-lhes a simplicidade das essências, suprime to-da e qualquer dialética, qualquer elevação para lá do visível imediato, organiza um mundo sem contradições, porque sem profundidade, um mundo plano que se ostenta na sua evidência, cria uma clareza feliz: as coisas parecem significar so-zinhas, por elas próprias" (2, p. 164).

No conto "Leão-de-Chácara", essa complexida-de vem à tona: Resgatam-se as dificuldades do ser-malandro. Se se é malandro, existe um passa-do de privações que acaba por conduzir a isso:

"Engraxei, lavei carro, vendi flores, amendoim, fui moleque de vida brava e que me lembre, não tive grandes colheres de Chã nem no Catumbi, nem no Estácio e nem em Fátima, lá nos barracos onde me criei. Conforme se vê, fui saber das coisas na rua, nos becos e nos muquinfos e não sentia muita vontade de esquecer os ensinamentos. Uma bo-beada, um escorregão e os bandidos mais velhos me tasca-vam safanão nas ventas. Nunca um bom conselho". (1, p. 6)

Enquanto os filhos da burguesia freqüentam escolas, os filhos das favelas freqüentam a "es-cola" da malandragem. Há um saber-ser-malandro

que também precisa ser adquirido:

"Alcançei tudo isso: na quizumba e nos esporros das rodas da Lapa, num tempo de ouro. Ali se enrustia a maior escola que um bandido tem". (1, p. 8)

João Antônio, ao transmitir a fala ao malandro, tenta suprimir o mundo plano que o mito burguês constrói. Mostra as contradições que existem por trás desse "objeto". O malandro, no conto, possui uma fala transitiva, a linguagem dos atos, imediata, impotente para mentir.

Não existem, portanto, relações de verdade entre o mito do malandro e sua realidade. A burguesia utiliza-se do mito segundo suas necessidades:

"Até o finalzinho da guerra, e depois até as beiradas do ano de 55, devia haver interesse dos homens para que as casas da noite ficassem abertas. Xingava-se aquilo de pensões alegres e coisa e tal. Rasgando o verbo eram cabarês e bordéis de polacas e de francesas, umas gringas curemas, malandrecas muito escoladas no trato com otários endinheirados, figurões que não podiam ser vistos na farra. (...) os majorengos das leis destacavam gente deles, de confiança e fê, para proteção daquelas bocas do inferno". (1, p. 8-9)

Deformando conforme suas conveniências:

"O ano preto do trotoir foi o do IV Centenário. Os homens partiram ansiosos para as ruas e de supetão fecharam os hotelecos (...) Os homens queriam limpar a cidade que ia receber gente importante e precisava ficar bonita (...)" (1, p. 12)

Com o texto de João Antônio percebemos até mesmo que os encarregados de executar a lei burguesa se lançam em complacências duvidosas com as classes que deveriam atacar:

"(...) mas também molhando a mão dos ratos, que os arregos são da lei". (1, p. 6)

"Tinham suas mulheres na vida e malandravam com os homens da polícia". (1, p. 10)

E que movidos pela opinião pública, que ora desperta o mito do malandro desordeiro, acabam por cumprir seu papel:

"E a rataria, gente esperta demais que quando os jornais falam, precisam apresentar serviço, está fuçando tudo, encarnando atrás de leão". (1, p. 11)

Enfim, percebemos que o papel do texto de João Antônio é tentar fazer com que vejamos a história do malandro, as contradições e a complexidade desse mito que a burguesia deforma. É um texto que procura mostrar a distinção entre sentido e forma, destruindo a significação imposta pelo mito. Desmistifica e esclarece os usos que o burguês faz desse mito.

3 - A RETÓRICA DO MITO DO MALANDRO

Barthes propõe ainda no livro *Mitologias* um esboço de uma retórica do mito. Entende-se por retórica um conjunto de figuras fixas nas quais vêm encaixando as formas variadas do significante mítico.

Apresentaremos as figuras que ocorrem com maior intensidade na formação do mito do malandro na sociedade burguesa.

a - A omissão da história - "Quando o mito fala sobre um objeto, despoja-o de toda a história" (2, p. 171). Usufrii desse "objeto" sem questionar sua origem.

Num sentido de uso, a malandragem existe para proporcionar divertimento ao homem bur

quês. Contanto que ela não o ameace, ela terá "livre ação".

Essa evaporação da história faz com que o homem não seja responsável por essa classe. É pela fala de Pirraça no conto "Leão-de-Chácara" que percebemos que por trás do malandro há toda uma história que, em partes, faz com que vejamos que a marginalização a que a sociedade burguesa submete determinados grupos, contribui para a perpetuação da marginalidade:

"Não sou menino. De mais a mais foi cedo que aprendi, debaixo de porrada, a ver sem salamanques as coisas dessa vida". (1, p. 6)

O mito apaga essa responsabilidade não assumida.

b - A identificação - "O pequeno burguês é um homem incapaz de imaginar o outro" (2, p. 171), motivo pelo qual o malandro é tratado por essa sociedade de duas formas:

* ora o malandro é encarado como alguém exótico, transformado em puro objeto, quando não constitui nenhum atentado à segurança da nossa própria casa;

* ora o malandro constitui um escândalo

lo, um atentado, quando manifesta seus verdadeiros anseios, indo contra a camada da sociedade que deve servir. Aí, então, ele é julgado pela consciência pequeno-burguesa, que possui "pequenos simulacros do bandido, do parricida, do pederasta, etc., que, periodicamente, o corpo judiciário extrai do seu cérebro, coloca no banco de acusados, censura e condena: só se julgam análogos **desencaminhados**: é uma questão de caminho e não de natureza, pois o **homem é assim**" (2, p. 172).

4 - CONCLUSÃO

Concluimos, portanto, que o texto de João Antônio visa a desmistificar o mito do malandro construído pela sociedade burguesa, através de uma fala que quer transformar a visão que temos do real, e não conservá-lo em imagem (função do mito). Sua estrutura procura desmobilizar esse mundo, mostrando que, se colocados no prato de uma balança, tanto o homem burguês quanto a malandragem são movidos por motivos análogos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANTONIO, J. Leão de Chácara. In: _____ .
Leão-de- Chácara. Rio de Janeiro: Record,
1980. p. 5-17.
2. BARTHES, R. *Mitologias*. 7. ed. São Paulo:Difel,
1987.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. São Paulo:
Cultrix, s.d.
- BARTHES, R. *Novos ensaios críticos. O grau zero da
escritura*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- CANDIDO, A. *Dialética da malandragem: caracteri-
zação das Memórias de um Sargento de Milícias*.
Rev. Inst. Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 8,
1970.